

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO PARTICÍPIO LATINO

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo se limita a descrever o comportamento estilístico-sintático da forma verbo-nominal de particípio das odes do *Liber Primus*, de Horácio. A sua contextualização, considerando o seu relacionamento com os outros termos da estrutura sintática, constitui o objeto de análise da presente pesquisa. Baseamo-nos na perspectiva da existência de uma ordem natural da língua. Contudo, não desprezamos os casos de colocação dos termos na frase, em que não se deu de acordo com a relativa padronização, preconizada pelos estudiosos da sintaxe latina. Constatamos uma relativa liberdade de colocação dos termos nas odes horacianas; nessa liberdade, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico. Assim, comprovamos que a linguagem de Horácio nas odes do seu *Liber Primus* se caracteriza como um uso estilístico, já que é estilístico-sintático o comportamento do particípio e das palavras com que tais formas se relacionam nas referidas odes.

Palavras-chave:

Formas verbo-nominais. Odes horacianas. Ordem natural. Particípio. Morfossintaxe.

1. Introdução

Das muitas particularidades do latim, enfatizaremos neste trabalho a existência da forma verbo-nominal de particípio, que, em princípio, não tem o mesmo comportamento do particípio do português. No latim, o particípio pode ser usado em voz ativa no presente e no futuro e, em voz passiva, no passado. Além dessa forma verbo-nominal, a latim apresentava o adjetivo em “-ndus” que desempenha o papel de particípio futuro na voz passiva. Essa forma adjetiva é comumente denominada gerundivo.

Por ser o latim uma língua de declinações, não se espera uma padronização de sua estruturação frasal. De fato, a ordem dos termos na

frase não se fazia obrigatória; contudo, na prosa, tal padronização na colocação dos termos pode ser observada, já que prevalecia a ordem natural da língua latina: iniciava-se a frase com o termo nominativo (sujeito) e finalizava-se com o verbo (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 55, ERNOUT; THOMAS, *op. cit.*, § 188, p. 161 e GARCIA, 2000, p. 30).

Autores como Juret (1933) e Marouzeau (*Op. cit.*) observam uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim. Afirmam que são diversos os fatores determinantes de tal liberdade: de uso, de sentido, de estilo, de ritmo, entre outros. Contudo, embora seja difícil fazer uma sistematização de tais aspectos, em todos esses fatores, certas leis ou tendências podem ser observadas.

Nas odes horácianas analisadas, esse caráter de liberdade relativa foi constatado. O comportamento sintático da forma verbo-nominal de particípio nessas odes se nos pareceu de natureza estilística. Ela apresenta certas características diferentes das do uso tido como gramatical, considerando haver a tal ordem natural da língua latina. Eis o porquê de se reconhecer um uso estilístico de tais formas.

Nos exemplos abaixo, podemos observar a possibilidade de diversos ordens dos termos, com que se relacionam o particípio (no caso, presente do indicativo):

- (01) “(...) / *laeta quod pubes hederā uirenti / gaudeat pulla magis atque myrto / aridas frondes hiemis sodali / deditet Euro.*” (XXV, v. 17-20) – “(...), porque a juventude alegre gosta da hera vigorosa e da murta mais escura e consagrará as folhas secas ao Euro, companheiro do inverno.”
- (02) “(...), *uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4) – “(...), ai! Meu fígado (com sentido de “íntimo”; “coração”), ardendo de penoso mau humor, fica intumescido.”

Em Horácio, uma padronização não se pode sentir. A tal liberdade relativa pode ser observada nos exemplos descritos acima e em muitos outros do seu *Liber Primus*.

Observe que os particípios destacados (em (01), traduzido como adjetivo; e em (02), como gerúndio), ocupam posições diferentes em relação ao núcleo substantivo, a que se referem, em decorrência dos valores assumidos em latim. Contudo, em português, outros valores poderiam assumir, já que há outras possibilidades de tradução: “que vigora” em lugar de “vigorosa” (em (01)); e “que arde” ou “ardente” em lugar de “ardendo” (em (02)).

Essa falta de regularidade das estruturas frasais nas odes de Horácio, as quais apresentam uma disposição variada dos termos, se constata especialmente no uso do particípio, objeto de nosso estudo.

Convém ressaltar que não constitui nosso objetivo definir ou descrever o estilo horaciano e nem tampouco comprovar que o comportamento dessa forma verbo-nominal e dos termos a elas relacionados constitui um uso estilístico de Horácio. O nosso objetivo é tão-somente o de acusar um comportamento estilístico-sintático do particípio nas odes do seu *Liber Primus*.

Tal uso também pode ser encontrado nas obras de outros autores, como sugere Marouzeau (1946) ao considerar o estilo como escolha ou seleção entre as expressões possíveis que a língua nos oferece.

Lembra-nos, entretanto, Câmara Jr. (1985, p. 110) que o uso estilístico “decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de suggestionar o próximo”, o que nos obriga àquelas escolhas, de que fala Marouzeau.

Para o presente estudo, consideramos a teoria estruturalista, de natureza americana (representada por Bloomfield nos Estados Unidos da América e Câmara Jr., no Brasil), cuja base é a descrição de estruturas sintáticas efetivas de uma dada língua. Muitos aspectos morfossintáticos de uma língua, que a distinguem de outras, podem ser observados a partir da análise estruturalista, como o fizemos com o latim, que, apesar de ser a língua-origem mediata do português, muito se distingue deste.

Sob a perspectiva da tradução literal (sem desprezar a técnica da tradução literária), todas as odes do *Liber Primus*, de Horácio, foram traduzidas com a intenção de ressaltar as formas verbo-nominais contextualizadas. Assim, evitamos a fragmentação, que pode causar certas falhas, quando são cotejados fragmentos de texto, nos quais nem sempre se podem observar as relações do item lexical em destaque com os demais. Convém ressaltar que a tradução é particular, inédita e original, e que tal tradução se respaldou no texto latino publicado pela *Les Belles Lettres*, em 1946.

Todos os casos de frases com formas verbo-nominais: infinitivo (presente, passado e futuro), gerúndio, particípio (presente, passado e futuro), gerúndio e supino, foram destacados e analisados sintaticamente em forma de comentário e sob os subsídios teóricos apresentados principalmente por Marouzeau (*Op. cit.*) e Ernout et Thomas (*Op. cit.*).

Depois, de posse desse material, formulamos a argumentação para comprovar a hipótese do caráter estilístico-sintático no uso do participípio nas odes do *Liber Primus*, de Horácio.

Logo, neste trabalho, a análise do participípio latino a ser apresentada a seguir valorizará a sua contextualização, a partir do seu relacionamento com os outros termos sintáticos.

2. *Natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas*

Considerando a estrutura oracional do português escrito, mormente no que se refere à colocação das palavras, que se organizam em sintagmas de funções sintáticas diversas, poderíamos dizer que se trata de uma língua SVO (Sujeito-verbo-complemento), já que os seus termos se organizam preferencialmente em ordem direta⁵. Ou seja, há uma padronização estrutural prevista na língua portuguesa.

Entretanto, tal padronização não caracteriza a língua latina, que é uma língua de declinações. Nela, ocorriam alterações morfossintáticas, causadas pelo acréscimo de desinências casuais, conforme a função sintática que uma dada palavra exercesse na estrutura linguística. Logo, a ordem dos termos na frase não era especialmente direta e nem se fazia obrigatória, como afirmam Ernout et Thomas (*Op. cit.*), corroborando Marouzeau⁶, a quem faz referência em nota de rodapé:

Le maintien de la flexion nominale a fait que l'ordre des mots n'a jamais pris en latin de signification syntaxique, cf. supra, § 10. On constate pourtant certaines habitudes ou préférences qui n'ont rien de strict. (ERNOUT ET THOMAS, 1959, § 188, p. 161)⁷

Em decorrência dessa asserção, poderíamos concluir que as palavras poderiam ser colocadas em qualquer ordem e que o resultado de ordem comunicativa seria o mesmo. Contudo, essa conclusão não é correta ou pelo menos não é conveniente, porquanto a ordenação das palavras em latim não era exatamente livre.

⁵ Sobre a ordem direta da língua portuguesa, confira Pontes (1987).

⁶ Ernout et Thomas nos remete aos estudos de Marouzeau, sobre a ordem das palavras na frase latina (MAROUZEAU, 1922; 1938; 1949).

⁷ "A manutenção da flexão nominal tem feito com que a ordem das palavras em latim nem sempre se prenda à significação sintática, cf. acima § 10. Constatam-se, portanto, certos hábitos ou preferências que não são precisos." (Tradução livre)

Em relação a essa possível liberdade, Marouzeau (*Op. cit.*) observa que, em latim, a ordem das palavras não é indiferente a certos aspectos de sistematização difícil de se estabelecer, embora previsíveis.

Toutefois, si en latin l'ordre des mots est libre, il n'est pas indifférent. Le choix de la construction est déterminé dans chaque cas particulier par des considérations très diverses, d'usage, de sens, de style, de rythme, qu'il est difficile de réduire de réduire en système, mais qui prêtent à l'observation de certaines lois ou tendances. (MAROUZEAU, 1953, p. x)⁸

Na prosa, por exemplo, prevalecia uma ordem natural própria da índole da língua: normalmente a frase iniciava-se com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como já afirmamos anteriormente. Na poesia, em que a liberdade de colocação se nos parece mais livre, também não o é, pois o resultado de ordem comunicativa quase sempre se altera, sugerindo interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico.

Daí, a necessidade de se examinar a ordem natural das palavras nas estruturas oracionais latinas, considerando a ordem das palavras das estruturas oracionais denominadas regulares e a possibilidade de outras organizações a serviço da metrificação. Depois, observar o comportamento das formas nominais dos verbos e os termos a que se relacionam nas estruturas das odes horácianas que serão o objeto da nossa análise.

3. A forma verbo-nominal latina de participípio

Existem dois grupos de nomes verbais em latim: o grupo que é formado de nomes que valem por substantivos – infinitivo, supino e gerúndio –, e o grupo que é formado de nomes que valem por adjetivos – participípio e gerundivo.

São três os participípios em latim: presente, passado e futuro. O participípio presente expressa uma ação sempre concomitante com a da oração em que ele se encontra. Como adjetivo uniforme caracterizado pelo acréscimo ao tema de *infectum* do sufixo “-nt(i)”, segue a terceira declinação e dela recebe suas desinências.

⁸ “Todavia, se em latim a ordem das palavras é livre, não é indiferente. A escolha da construção é determinada em cada caso particular por considerações bem diversas, de uso, de sentido, de estilo, de ritmo, que é difícil de resumir em sistema, mas que favorece à observação de certas leis ou tendências.” (Tradução livre)

Por apresentar, por vezes, em sua flexão uma única forma para os três gêneros, não se pode depreender o gênero senão de um núcleo substantivo, com o qual concorda também em número e caso.

Observa Ernout, em sua *Morphologie historique du latin* (1953, p. 58), que “a dupla forma de ablativo singular atesta ainda a existência de duas flexões, uma de um tema consonântico *ferent-, outra de um tema em ‘-i’, *ferenti-”⁹.

Estas duas formas se distinguiam no emprego: na forma em “-i” o particípio tinha valor de adjetivo (“*constanti animo*”, “*praesenti tempore*”); na forma em “-e” o particípio tinha o valor próprio (“*me praesente*”, “*millio rogante*”, “*ineunte tempestate*”), ou valor de substantivo (“*parente*”, “*cliente*”).

- (03) “*Te maris et terrae numeroque carentis harenae / mensorem cohibent, Archyta, / pulueris exigui prope latum parua Matinum / (...)*” (XXVIII, v. 1-3)
– “Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto carente de medida, pequenos benefícios de um pouco de pó detêm-te próximo ao vasto Matino (...)”

O particípio presente “*carentis*” do exemplo (03), em genitivo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*harenae*”, para o qual, acompanhado de seu complemento em ablativo “*numero*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como um sintagma adjetivo restritivo, mas que poderia ser traduzido como um simples adjunto adnominal (“desmedido deserto”) ou como oração relativa restritiva (“que não tem medida”).

Quanto à tradução para o português, normalmente a estrutura com a forma de particípio presente corresponde a uma oração relativa, que, em muitos casos, pode ser traduzida em forma de gerúndio, correspondente a uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, por expressar uma ação momentânea.

- (04) (...), *uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4) – “(...), ai! Meu fígado (com sentido de “íntimo”; “coração”), ardendo de penoso mau humor, fica intumescido.”

Nesse caso, optou-se pela tradução em forma de uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio (“ardendo”), embora seja possível a tradução em forma de adjetivo (“ardente”) ou em forma de oração

⁹ “A double forme de l’ablatif singulier atteste encore l’existence de deux flexions ; l’une thème consonantique *ferent-, l’autre d’un thème en -i-, *ferenti-.” (Tradução livre)

subordinada adjetiva (“que arde”). Isto, porque o particípio presente “*feruens*”, em nominativo singular neutro, com sua complementação em ablativo “*difficili bile*”, concorda como um adjetivo com “*iecur*”, funcionando como adjunto adnominal na estrutura “*meum iecur feruens difficili bile*”, expressa uma ação momentânea.

Não raro, o particípio presente é tomado por substantivo. Encontramos três exemplos em que se verifica o emprego dessa forma verbo-nominal substantivada, funcionando como complemento verbal. Em (05), a forma de particípio presente “*laedentem*”, em acusativo singular masculino, foi substantivada e, com seu complemento em acusativo (“*dulcia oscula*”) e complementação adverbial (“*barbare*”), exerce a função de complemento de “*speres*”, que foi traduzido como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta.

- (05) *Non, si me satis audias, / speres perpetuum dulcia barbare / laedentem oscula, (...)* (XIII, v. 13-4) – “Se me ouvires bem, não esperarás para sempre quem fere de modo bárbaro os doces lábios, (...)”

Verifica-se, ainda, o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura de ablativo absoluto, que funciona como uma espécie de adjunto adverbial. Trata-se, de fato, de um tipo de oração reduzida de particípio presente, em que o termo sujeito da oração desenvolvida correspondente passa para o ablativo e sua flexão verbal, tomando a forma de particípio presente, concorda com ele (o nome substantivo) em caso, gênero e número.

- (06) “(...), *uagus et sinistra / labitur ripa Ioue non probante u- / xorius amnis.*” (II, v. 18-20) – “(...) e, indeciso, escoá-se na margem esquerda, sem o consentimento de Júpiter, o rio que é um marido carinhoso.”

No exemplo acima, podemos observar o particípio presente “*probante*”, em ablativo singular masculino, concordando com “*Ioue*”, com o qual forma uma estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como uma estrutura circunstancial com valor modal. Convém ressaltar que tal estrutura de ablativo absoluto poderia ser traduzida como uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio (“não aprovando Júpiter”) ou desenvolvida (“sem que Júpiter consentisse”).

Há casos de ablativo absoluto, principalmente com o verbo “*esse*” – que não apresenta as formas de particípios passado e presente –, e a forma verbo-nominal é omitida, tendo apenas o nome substantivo em ablativo, como é o caso dos exemplos abaixo:

- (07) “(...) / *neu sinas Medos equitare inultos / te duce, Caesar.*” (II, v. 51-2) –

“(...) e nem consintas, sendo tu o chefe, ó César, galoparem os medos impunes.”

- (08) “orte Saturno, tibi cura magni / Caesaris fatis data: Tu *secundo Caesare regnes*.” (XII, v. 50-2) – “(...) nascido de Saturno, a ti o cuidado do grande César pelos destinos foi confiado. Tu, vindo César como segundo, reinarás.”

Convém ressaltar, ainda, que muitas formas de participío presente, num processo de cristalização na língua, constituem verdadeiras formas adjetivas, denominadas adjetivos participípos. Nas odes analisadas, foram encontrados muitos exemplos em que se verifica o emprego de uma forma de adjetivo participío presente, funcionando como um simples adjunto adnominal, como é o caso do adjetivo participío presente “*olentis*”, em genitivo singular masculino, que concorda com “*mariti*” e lhe serve de adjunto adnominal, no exemplo (09):

- (09) “(...) *deuia* / *olentis uxores mariti*” (XVII, v. 5-7) – “(...) as fêmeas, separadas de (seu) fedorento marido, (...)”

O participío passado, que é uma forma de adjetivo verbal em “-to” não marca, à semelhança do participío presente, o tempo em si mesmo, mas expressa uma ação passada, que se desenvolve anteriormente à do verbo da proposição em que se encontra.

Em virtude de seu valor primeiro, o participío passado não se relaciona de modo fundamental à voz passiva, podendo ser empregado com verbo depoente, de valor ativo, traduzido como gerúndio.

- (10) “(...) *Pater, et rubente / dextera sacras iaculatus arces / terruit urbem, (...)*” (II, v. 2-4) – E o Pai, atingindo as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita, aterrorizou a cidade, (...)”

O participío passado “*iaculatus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em acusativo “*sacras arces*” e a complementação em ablativo “*rubente dextera*”, concorda com “*Pater*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada em gerúndio, por expressar ação momentânea. Também poderia ser traduzido como oração subordinada e adjetiva explicativa (“que atingiu as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita”), se se desprezasse o seu valor concomitante.

O participío passado pode ter, por vezes, um sentido aproximado ao do presente, como no exemplo (11) abaixo. Nele, o participío “*detestata*”, em nominativo plural neutro, em congruência com o substantivo “*bella*”, como um simples adjetivo, pode ser traduzido por “que são detestadas”.

- (11) “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata. (...)*” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”

O valor passivo do particípio passado desempenha importante papel na conjugação perifrástica para a expressão da passiva de *perfectum* (*amatus, -a, -um sum, eram, etc.*). Nas odes analisadas, não foi encontrado nenhum exemplo com a locução perifrástica de voz passiva com o auxiliar fisicamente presente; porém, no exemplo abaixo, tem-se um caso em que a forma de particípio passado “*data*”, em nominativo singular feminino, concordando como um adjetivo com “*cura*”, é parte da locução verbal de perfeito passivo “*data est*”, cujo auxiliar foi omitido:

- (12) “*Gentis humanae pater atque custos, / orte Saturno, tibi cura magni / Caesaris fatis data. (...)*” (XII, v. 47-9) – “O pai e guardião da raça humana, nascido de Saturno, a ti o cuidado do grande César foi confiado pelos destinos.”

Logo, há casos, em que o auxiliar não vem expresso, em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado em estrutura com o verbo auxiliar elíptico.

- (13) “*Expertus uacuum Daedalus aera / pennis (...)*” (III, v. 35-6) – “Dédalo experimentou o ar livre com asas (...)”

Nesse caso, a forma de particípio passado “*expertus*”, em nominativo singular masculino, com o seu complemento em acusativo singular masculino “*uacuum aera*” e complementação em ablativo “*pennis*”, concordando como um adjetivo com “*Daedalus*”, é parte da conjugação perifrástica de perfeito do depoente “*experior*” (“*expertus est*”, que deve ser traduzida como se fosse ativa – “experimentou”), em que o auxiliar foi omitido.

Como verbo, mantém sua regência e pode, portanto, se fazer acompanhar de complemento e de complementações circunstanciais. Como nome, por ser um adjetivo verbal triforme, segue a declinação do adjetivo de 1ª classe: a forma nominativa masculina singular em “*-us*” segue a 2ª declinação; a forma nominativa feminina singular em “*-a*”, a 1ª declinação; e a forma nominativa neutra singular em “*-um*”, a 2ª declinação neutra. Logo, apresenta uma forma para cada um dos três gêneros, em congruência com o gênero do núcleo substantivo a que se refere e com o qual concorda também em caso e em número. Portanto, à forma de particípio passado será acrescida uma das respectivas desinências casuais de 1ª e 2ª declinações, como ocorre com os adjetivos dessa classe.

- (14) “(...) *metaque feruidis euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos.*” (I, v. 5-6) – “(...)”; e a meta, evitada pelos carros violentos, e a nobre vitória eleva(m) a deuses os senhores das terras.”

Observe que o particípio passado “*euitata*”, em nominativo singular feminino, com o seu complemento em ablativo “*feruidis rotis*”, concorda como um adjetivo com “*meta*”, para o qual serve de predicativo. Poderia também ser traduzido como oração subordinada adjetiva (“que é evitada pelos carros violentos”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

Ao contrário do que ocorre com o particípio presente, o particípio passado poucas vezes era tomado por substantivo. Ernout et Thomas (*Op. cit.*) observam que o emprego substantivo dessa forma verbo-nominal encontra-se, sobretudo, circunscrito a certas formas como: “*legatus*” (“legado” ou “embaixado”), “*praefectus*” (“pogresso”), “*dictum*” (“palavra”), “*responsum*” (“resposta”), “*peccatum*” (“alta”) e outras poucas.

Encontramos apenas esse exemplo a seguir, em que se verifica o emprego dessa forma verbo-nominal substantivada, funcionando como complemento verbal:

- (15) “(...) *nec uariis obsita frondibus / sub diuum rapiam.*” (XVIII, v. 12-3) – “(...) nem, sob o céu, te arrebatarei objetos cobertos de várias folhas.”

Observe que foi substantivada a forma de particípio passado “*obsita*” (“objetos cobertos”), do verbo “*obsero*”, em acusativo plural neutro, acompanhado da complementação em ablativo “*uariis frondibus*”, funcionando como complemento direto do verbo transitivo “*rapiam*”.

À semelhança do particípio presente, ocorre, também, o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado, numa estrutura de ablativo absoluto, que é um tipo de oração reduzida de particípio passado, em que o termo substantivo e a forma de particípio passado, ambos em ablativo, concordam em gênero e número.

- (16) “*siue mutata iuuenem, figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiae, patiens uocari / Caesaris ultor.*” (II, v. 41-4) – “Ou (que venhas) tu, que te deixas ser evocado como vingador de César, se, mudada a fisionomia, imitas nas terras um jovem, ó alado filho da criadora Maia.”

Em (16), a forma de particípio passado “*mutata*”, em ablativo singular feminino, concorda com “*figura*”, com o qual forma uma estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

Vale lembrar que muitas formas de participio passado, como se verificou anteriormente com a forma de participio presente, são verdadeiros adjetivos, denominadas adjetivos participios. Foi encontrado no *Liber Primus* um número excessivo do emprego de adjetivo participio passado (Cf. Anexo 1, *apud* BOTELHO, 2007), que funciona como um simples adjunto adnominal, como em (17), em que o adjetivo participio passado “*iunctas*”, em acusativo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*fenestras*”, servindo-lhe de um simples adjunto adnominal.

- (17) “*Parcius iunctas quantiunt fenestras / iactibus crebris iuvenes proterui (...)*” (XXV, v. 1-2) – “Mais raramente, os jovens ousados abalam as tuas janelas fechadas com movimentos insistentes.”

O participio futuro é uma forma adjetiva ativa e, como o participio presente e o passado, não marca o tempo em si mesmo; expressa, contudo, uma ação futura, a se desenvolver posteriormente à do verbo da proposição em que se encontra.

Sur le radical du participe passé passif sont formés le participe futur et l’infinitif futur actifs. (...) L’infinitif futur actif est une forme périphrastique composée du participe futur accompagné de *esse*. On a donc un infinitif futur de l’infectum (*amaturum*, -am, -um *esse*) auquel correspond un infinitif futur du *perfectum* (*amaturum*, -am, -um *fuisse*). (ERNOUT, 1953, § 320)¹⁰

O participio concorda com seu sujeito em gênero, número e caso e, em geral, o auxiliar “*esse*” não vem expresso, para evitar uma forma mais pesada.

Normalmente, a estrutura com a forma de participio futuro corresponde a uma oração relativa, como no exemplo a seguir, em que se verifica o emprego da forma de participio futuro, que foi traduzida como adjunto adnominal e corresponde a uma oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

- (18) “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere?*” (XXVIII, v. 30-2) – “Negligencias cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”

Em (18), a forma de participio futuro ativo “*nocturam*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fraudem*”, para o qual, com seu complemento em dativo “*inmeritis na-*

¹⁰ “Sobre o radical do participio passado passivo foram formados o participio futuro e o infinitivo futuro ativos. (...) O infinitivo futuro ativo é uma forma perifrástica composta do participio futuro acompanhado de ‘*esse*’. Tem-se, então, um infinitivo futuro do *infectum* (*amaturum*, -am, -um *esse*), ao qual corresponde um infinitivo futuro do *perfectum* (*amaturum*, -am, -um *fuisse*).” (Tradução livre)

tis” e complementação circunstancial “*postmodo*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

Ernout et Thomas (*Op. cit.*, § 290, p. 278) observam que, por volta do final do período republicano, o particípio futuro passa a formar uma locução verbal com o verbo “*esse*” para indicar “a intenção de fazer algo”, “que se destina a fazer algo” ou “a iminência de se fazer algo”. Tais expressões não se confundem com a expressão de futuro em si.

No entanto, os autores observam que essa perífrase verbal (do tipo “*amaturus esse*” ou “*amaturus sim* ou *essem*”, em proposições dependentes) serviu de simples substituto ao futuro, principalmente no baixo latim. Afirmam que, fora esse emprego (o de parte da locução verbal) o particípio futuro passou a ter um emprego muito restrito: na prosa clássica, somente as formas “*futurus*” e “*uenturus*” são encontradas como adjetivo.

No caso do verbo “*esse*”, que só apresenta a forma de particípio futuro (“*futurus*, -a, -um”), tem-se, com um verbo auxiliar, a referida expressão perifrástica, como nesse único exemplo encontrado nas odes analisadas:

- (19) “*Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et / quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone (...)*” (IX, v. 13-5) – “Evita procurar em vão o que será amanhã, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro!”

Observe que o particípio futuro ativo “*futurum*”, em nominativo singular neutro, concorda como adjetivo com “*quid*” (sujeito da oração), compondo uma interrogativa indireta, como oração subordinada substantiva objetiva direta, que funciona como um complemento do infinitivo “*quaerere*”, que é transitivo.

3.1. Gerundivo

O gerundivo, que Ernout et Thomas (*Op. cit.*) denomina “adjetivo em “-ndus”, entre outras funções, pode ser empregado como particípio futuro na voz passiva.

Os autores observam que o referido adjetivo verbal se estabelece plenamente no emprego de particípio futuro passivo a partir do III ou IV séc. d.C.:

Toutefois, c’est seulement à partir du III^e-IV^e siècle ap. J.C. que l’adjectif en -ndus s’établit pleinement dans rôle de **participe futur** passif. (ERNOUT;

Designa-se sob o nome de particípio futuro passivo ou de adjetivo verbal ou ainda de “*gerundium*” um particípio, formado de um sufixo “-ndo”, acrescentado ao tema de presente, como “*amandus*”.

Como adjetivo verbal triforme, segue a declinação do adjetivo de 1ª classe, com uma forma para cada um dos três gêneros em congruência com o do seu núcleo substantivo.

Como verbo, também mantém sua regência e pode fazer-se acompanhar de complemento e de complementações circunstanciais.

O gerundivo também não marca o tempo em si mesmo; contudo, expressa uma ação futura e passiva, a se desenvolver posteriormente à do verbo da proposição em que se encontra, e normalmente inclui em sua significação as noções de obrigatoriedade, o que representa a expressão de grande sintetismo da língua latina.

A estrutura com a forma de gerundivo corresponde a uma oração relativa, como no exemplo a seguir, em que se verifica o seu emprego numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o gerundivo como particípio futuro passivo, que foi traduzida como adjunto adnominal, corresponde a uma oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

- (20) “(...), *si tamen impiae / non tangenda rates transiliunt uada.*” (III, v. 24-5) – “(...), se, contudo, ímpias embarcações ultrapassam as vagas, que não devem ser tocadas.”

Nesse exemplo acima, o particípio futuro passivo (gerundivo) “*tangenda*”, em acusativo plural neutro, concordando com “*uada*” como um adjetivo, é um adjunto adnominal, em cuja tradução se podem perceber as noções de passividade, futuro e obrigatoriedade. Daí, ter sido traduzido por uma oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

São três os empregos do gerundivo: 1) quando serve de voz passiva do gerúndio: nesse caso o gerundivo é considerado “*gerundium pro gerundio*”. Com os verbos transitivos em gerúndio, acompanhados de seu complemento direto, era comum em latim transformar a estrutura ati-

¹¹ “Todavia, é somente a partir do século III-IV d. C. que o adjetivo em ‘-ndus’ se estabelece plenamente no emprego de particípio futuro passivo.” (Tradução livre)

va com gerúndio para a passiva com o gerundivo. Essa passagem da ativa para a passiva era muito comum quando o gerúndio, com o seu complemento direto, apresentava-se no acusativo, dativo e ablativo preposicionado (no genitivo e ablativo sem preposição poderia ocorrer a substituição); 2) acompanhada do auxiliar “*esse*”. Nesse caso, o gerundivo, que compunha uma locução verbal, no neutro impessoal, era um adjetivo e expressava uma noção de obrigação em voz passiva (ex.: “*Nunc est bibendum, (...)*” (XXXVII, v. 1) – “Agora, deve-se beber, (...)”). Normalmente, aparecia no nominativo e, quando não apresentava um termo sujeito, no neutro; e 3) com os verbos “*dare, tradere, reliquere, concedere, sumere, curare* e outros”, como predicativo do objeto direto, expressava uma noção de intenção ou de fim.

Há casos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo participípio futuro passivo (gerundivo), numa estrutura em que funciona como adjunto adnominal. Eis um dos dois únicos exemplos encontrados nas odes analisadas:

- (21) “*Proeliis audax, neque te silebo, / Liber, et saevis inimica uirgo / beluis, nec te, metuende certa / Phoebae sagitta.*” (XII, v. 21-4) – “Audaz nas lutas, eu nem te silenciarei, Líber, e nem a ti virgem inimiga dos animais ferozes, e nem a ti, Febo temível por sua seta certa.”

Em (21), a forma de participípio futuro passivo (gerundivo) “*metuende*”, em vocativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Phoebae*”, para o qual funciona como adjunto adnominal. Convém observar que o verbo transitivo “*metuo*” se constrói com ablativo com preposição “*de*” ou “*ab*” e o adjetivo “*metuens*”, com genitivo. Contudo, o sintagma “*certa sagitta*” serve de complementação do adjetivo participípio “*metuende*”, como adjunto adverbial em ablativo sem preposição. Convém observar, também, que essa forma verbo-nominal não expressa futuridade e nem são fundamentais as noções de obrigatoriedade e de passividade. Ernout et Thomas (§ 297, item “c”, p. 287) observam que no gerundivo vários verbos marcam uma simples ideia de possibilidade como o adjetivo em “*-bilis*”.

Outras vezes, na poesia, a forma de gerundivo é substituída pelo infinitivo, como observam Ernout et Thomas (Cf. § 297, p. 286) a partir dos seguintes versos de Horácio:

- (22) “*Musis amicus tristitiam et metus / tradam proteruis in mare Creticum / portare uentis, (...)*” (XXVI, v. 1-3) – “Eu, favorito das Musas, entregarei a tristeza e os medos aos violentos ventos, para eles (os) levarem para o mar de Creta.”

Em (22), a forma de infinitivo presente ativo “*portare*”, com uma complementação em acusativo “*in mare Creticum*” funciona como complementação circunstancial com valor de finalidade da flexão verbal “*tradam*”, em substituição ao gerúndio “*portandos*” (em acusativo masculino plural, em função de predicativo do objeto).

Convém ressaltar que, por conta dessa flagrante expressão do sintetismo latino nas formas de gerúndio, uma única palavra latina como essa pode exigir várias em português para a sua tradução. Daí, o fato de que a grande dificuldade encontrada pelo tradutor o faz preferir traduzir o gerúndio como se fosse gerúndio, causando, quase sempre, um problema estilístico, em que a intenção do autor se nos apresenta atenuada ou totalmente destruída, como já observamos anteriormente.

4. Análise da colocação do participípio e dos termos com que se relacionam nas odes do *Liber Primus*, de Horácio

Vimos defendendo a concepção de que há uma ordem natural na língua latina e de que a natureza do caráter obrigatório dos grupos sintáticos decorre dos hábitos linguísticos e da liberdade de expressão, que se estabelecem numa dada comunidade linguística. Logo, a natureza do caráter de obrigatoriedade e de liberdade dos grupos sintáticos e a intenção do sujeito falante, que se estabelece na sociedade em que se insere, são fatores fundamentais de uma dada língua.

Defendemos, como Juret (*Op. cit.*) e Marouzeau (1953), a ideia de que o usuário sempre põe em prática espontaneamente e por vontade própria o conhecimento assimilado durante a sua integração com os demais membros de sua comunidade de fala, numa relativa coerção social, da qual participa ativa e passivamente.

Constatamos que, na busca da expressão perfeita, Horácio se valia de variadíssimos recursos no que se refere à colocação dos termos na frase.

De fato, o caráter de liberdade relativa, que vimos ressaltando ao longo deste trabalho, é uma característica das estruturas frasais das odes horácianas, identificadas também em referência ao uso das formas verbo-nominais.

O comportamento sintático do participípio nas odes do *Liber Primus* apresenta certas particularidades, a partir das quais podemos reco-

nhecer um uso estilístico. O comportamento de outras classes de palavra, com que essa forma verbo-nominal se relaciona, também se mostra peculiar; em muitos casos, elas estabelecem relações diferentes daquelas comumente encontradas na prosa, que constituem o que se pode denominar um uso regular ou natural.

4.1. Colocação do particípio e dos termos com que se relaciona

Como demonstramos anteriormente, o particípio é um adjetivo verbal.

Como verbo, pode manter a sua regência e apresentar, por conseguinte, complementos e complementações circunstanciais. Como nome, por ser um adjetivo verbal de 1ª classe apresenta uma forma para cada um dos três gêneros, concordando com o gênero do núcleo substantivo a que se refere e com o qual concorda também em caso e em número.

Portanto, em parte, o particípio se comporta como um adjetivo, que é um termo periférico (determinante) em relação ao termo nuclear (determinado).

Pudemos observar também que o adjetivo precede o substantivo na maioria das vezes, e que em caso de o adjetivo apresentar valor de uma determinação atributiva, como é comumente o caso dos particípios, ou servir para classificar uma categoria, normalmente sucede o substantivo.

Marouzeau (*Op. cit.*, § 34, p. 12) ressalta que o posicionamento do particípio, que normalmente funciona como determinante de um núcleo substantivo, em relação ao seu núcleo depende de sua natureza verbo-nominal. Devido à noção verbal, o particípio tendia a um valor limitativo, particularizante, o que o caracteriza como sendo da categoria dos discriminativos.

Como adjetivo discriminativo, o particípio normalmente é colocado após o seu núcleo. Porém, pode assumir o valor qualificativo e preceder o seu núcleo substantivo, ou valores afetivos com pejoração ou valorização e ser empregado como qualificativo anteposto ao seu núcleo.

Nas odes analisadas, muitas outras arrumações foram observadas. Nelas, a interposição de um ou mais elementos entre o determinante e o determinado, deslocamentos diversos, criando disjunções, e consequentes fenômenos sintáticos, ocorreram efetivamente.

- (23) “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata. (...)*” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”

Nesse exemplo acima, podemos observar que as duas formas de particípio passado “*permixtus*” e “*detestada*” apresentam empregos distintos, embora sejam do tipo discriminativo. A forma “*detestada*” é mais propriamente um adjetivo particípio, de valor semântico limitativo.

O particípio passado “*permixtus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em dativo singular masculino “*lituo*”, concorda com “*sonitus*” para o qual serve de predicativo. Poder-se-ia também traduzir a estrutura de particípio como oração subordinada adjetiva (“que é confundido com o do clarim”), em que figure uma locução verbal de voz passiva. O adjetivo particípio passado “*detestada*”, em nominativo plural neutro, com seu complemento em ablativo plural feminino “*matribus*”, concorda com “*bella*” e lhe serve de adjunto adnominal, que até poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são detestadas pelas mães”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

Também se pode verificar que “*permixtus*”, com um valor limitativo, antecede o núcleo substantivo “*sonitus*” a que se refere, e que o grupo sintático “*bella detestada*” foi separado (disjunção).

Entretanto, tais fenômenos sintáticos não chegam a causar qualquer problema para o entendimento da estrutura, como o que se verifica na seguinte passagem, na qual a separação do particípio presente “*latentis*” de seu núcleo “*puellae*” é um dos fatores que dificultam a sua análise:

- (24) “*nunc et latentis proditor intumo / gratus puellae risus ab angulo / pignusque dereptum lacertis / aut digito male pertinaci.*” (IX, v. 21-4) – “(...); como também (são de novo procurados) o agradável riso, (proveniente) de um recanto íntimo, revelador da amada escondida, e a garantia arrancada dos braços ou do dedo mal obstinado.”

De certo, a dificuldade se efetiva mais propriamente pelo fato de terem ocorrido inversões de outros grupos sintáticos: “*intumo angulo*”, “*gratus risus*” e do deslocamento de “*proditor*”, aposto de “*gratus risus*”, mas a disjunção do grupo sintático “*latentis puellae*” é relevante.

Assim como se verificou um adjetivo particípio em (24), muitas formas de particípio presente e passado, num processo de cristalização na

língua, constituem verdadeiras formas adjetivas. No *Liber Primus*, foram encontrados muitos exemplos com o emprego de uma forma de adjetivo participípio: 18 ocorrências de participípio presente e 32, de participípio passado, funcionando como um simples adjunto adnominal, como em:

- (25) “(...) *O utinam noua / incude diffingas retusum in / Massagetas Arabasque ferrum!*” (XXXV, v. 38-40) – “Oxalá tu refaças, com tua nova bigorna, o ferro embotado contra os massagetas e os árabes!”

O adjetivo participípio passado “*retusum*”, em acusativo singular neutro, concorda com o núcleo substantivo “*ferrum*”, servindo-lhe de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*retusum ferrum*”, causada pela interposição da estrutura “*in Massagetas Arabasque*”.

O participípio presente e o passado também podem ser empregados em estruturas de ablativo absoluto, que funciona como uma espécie de adjunto adverbial.

Porém, nas odes analisadas, a posição de um em relação ao outro nada tem de regular: o participípio ora antecede, ora sucede o termo substantivo com que compõe a estrutura em ablativo absoluto, e, entre eles, normalmente colocam-se outros termos, como no seguinte exemplo, em que a forma de participípio presente “*bacchante*”, em ablativo singular masculino, com as complementações “*magis*” e “*sub interlunia*”, concorda com “*Thracio uento*”, cujos termos sofreram uma disjunção:

- (26) “*Inuicem moechos anus arrogantis / flebis in solo leuis angiporto / Thracio bacchante magis sub inter- / lunia uento*” (XXV, v. 9-12) – “No entanto, envelhecida, tu, fútil, deplorarás os homens devassos numa viela solitária, enquanto o vento da Trácia mais se agita sob o interlúneo.”

Por fim, convém ressaltar que em muitos casos constatamos que a forma de participípio ocupou a posição inicial da estrutura oracional de que participa, como em:

- (27) “(...) / semotique prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.” (III, v. 30-4) – “(...) e a necessidade natural, outrora lenta, apressou o passo da morte afastada.”

Nessa estrutura também podemos observar a disjunção do adjetivo participípio passado “*semoti*”, em genitivo singular neutro, que, anteposto, concorda com “*leti*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

5. Considerações finais

Acreditando ser imprescindível um contexto mais amplo na análise de aspectos de uma dada forma, observamos o comportamento do particípio latino na estrutura sintática de que ele participa. Portanto, a relação que se estabelece entre essa forma verbo-nominal e outros termos foi valorizada. Para isso, consideramos as estruturas de base, sob a concepção da existência de uma ordem natural.

O latim é uma língua de declinações e, em consequência disso, não é obrigatória a ordem dos termos na frase. Logo, a definição de uma padronização quanto à estruturação frasal não constitui uma tarefa fácil. Ainda assim, é possível conceber uma ordem natural da língua em si, principalmente na prosa, em que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo.

Constatamos, pois, que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, e, como afirma Marouzeau (*Op. cit.*), que essa liberdade está sempre condicionada a certos fatores, nos quais certas leis ou tendências podem ser observadas.

Se concebermos a existência de uma ordem natural da língua latina, poderemos reconhecer as estruturas dessas odes como as de um uso estilístico. Constatamos que o comportamento sintático do particípio nas odes analisadas é particularizante, já que se efetiva diferentemente do uso considerado gramatical.

Vimos que as ordens dos termos que se relacionam com a forma de particípio são diversas, o que sugere comportamentos estilístico-sintáticos de variados aspectos.

Ao findar este artigo, julgamos ser o presente estudo uma contribuição para os interessados no assunto, sobre o qual muito ainda há para se pesquisar, porquanto se nos parece bastante complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

AZEVEDO, Fernando de. *Pequeno dicionário latim-português*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1954.

BACH, Emmon. *Teoria sintática*. Trad. de Marilda Winkler Averbug e *Revista Philologus*, Ano 17, N° 50. Rio de Janeiro: CIFEFil, set./dez.2011

Paulo Henrique Britto. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, título original: “Syntactic Theory”, 1974.

BISOL, Marcel. *Syntaxe latine*. Paris: Librairie Vuibert, 1984.

BOCCHETTA, Vittore. *Horacio em Villegas y en Fray Luis de León*. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

BOTELHO, José Mario. O comportamento estilístico-sintático das formas verbo-nominais em odes horacianas. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

BRITO, Gilda S. de. Lições de latim. 6. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 12. ed., Petrópolis: Vozes 1985.

_____. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CART, A. et al. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: EDUSP, 1986.

CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis latina*. 4. Reimpresion, Madrid: 1973. v. I e II.

ERNOUT. A. *Morphologie historique du latin*. Paris: C. Klincksieck, 1953.

ERNOUT. A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2. éd. 2. triage, Paris: C. Klincksieck, 1959 (Nouvelle Collection a l’Usage des Classes; 38).

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed. Brasília: FAE, 1995.

_____. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed., Brasília: MEC, 1962.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 2. ed., Brasília: Editora da UnB, 2000.

HORACIO. *Odes: versão portuguesa*. Braga: Cruz e Cia Ltda, 1942.

JURET, A. C. *Système de la Syntaxe Latine*. 2. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1933.

MAROUZEAU, J. *L’Ordre des mots en latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *L'Ordre des mots dans la phrase latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

_____. *Introduction au latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1941.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

VILLENEUVE, F. *Odes e épodos. Horacio*. Paris: Société D'édition "Les Belles Lettres", 1946.